

4.1. Fortaleza

Não se conhecem referências documentais ou bibliográficas que registem quaisquer fortificações militares na ilha do Corvo, desde o começo do seu povoamento. Ainda assim, quando abordamos a tradição oral, junto dos mais velhos que ainda habitam na Vila, registamos uma narrativa que evoca a existência de uma espécie de estrutura defensiva, situada a meia-encosta, e sobranceira à antiga Vila e ao seu porto, chamado “da Casa”. Pelos nomes atribuídos ao local, deduzimos a sua eventual função militar, ao encontrarmos a toponímia de “Fortaleza”, e registarmos, junto à mesma, o lugar do “Portão”.¹ Não sendo passível equacionar a existência de uma fortaleza naquela área, de reduzido tamanho, é, no entanto, possível imaginarmos ali a presença de um muro defensivo, assim disposto para fortalecer a posição sobranceira à principal enseada do povoado.

Quase como a confirmar essa hipótese encontram-se os registos de que, anualmente, no dia 15 de agosto, os antigos corvinos ali celebravam uma efeméride, dispondo dezenas de archotes, que iluminavam o canal entre o Corvo e as Flores, em cumprimento de voto religioso para com a Nossa Senhora dos Milagres.²

Acerca dessa data, conta-nos a tradição e remontam os cronistas a um ataque de piratas que procurou desembarcar e dominar a população local, pela força, tendo sido rebatido, a partir de uma posição elevada, com o apoio de fundas e armamento improvisado.

Terá sido nesse “Fortaleza”, que os corvinos enfrentaram o adversário? Tudo indicará que sim, ainda que as brumas do tempo tenham ocultado as evidências históricas que atestem a ligação. O que podemos afirmar é que existem paralelos com estruturas defensivas desse género noutros locais remotos, dentro de arquipélagos irmãos, como será o caso de um refúgio conhecido na ilha de Porto Santo, na Madeira, que servia como abrigo para as gentes, em caso de eventual ataque.³

No que concerne à defesa, propriamente dita, de Vila do Corvo, encontramos ainda uma referência mais aprofundada, ao analisarmos o trabalho de Gaspar Frutuoso, no final do século XVI:

“Do porto [das Casas, na povoação] pera o norte é tudo costa rasa e de muitas engradas, em que podem facilmente embarcar e desembarcar, pelo que está cercada aquela parte de parede de cinco ou seis palmos de alto, a modo de muralha pera defesa dos imigos, de que às vezes são combatidos, por comprimento de uma légua, até uma ponta que bota ao mar, chamada o Pesqueiro Alto, em que está uma entrada a modo de barra, de compridão de um tiro de arcabuz, onde entram de preamar caravelas de quinze até vinte moios de pão. É dentro areia e calhau, e tem muitas poças, em que entra muito peixe, que tomam por engradas ou caneiros, que tem; no qual porto estão uma meia esfera e dois berços, que o guardam, e, quando é necessário, os passam por

¹ CYMBRON, José Carlos de Magalhães (2016). *Uma Aventura Corvina*. Ponta Delgada: Ed. do Autor. p. 169.

² Idem

³ Ibidem

*terra, nas mesmas carretas em que estão, ao porto das Casas, atrás dito, pera sua defesa.”*⁴

⁴ FRUTUOSO, Gaspar (1998). *Saudades da Terra (6 vols.)*. Ponta Delgada: Instituto Cultural de Ponta Delgada. Livro VI, cap. 48, p. 153.